

GUERRA, TERRORISMO E CONDIÇÃO HUMANA

War terrorism and condition human being

*Antonio Valverde**

“Os pais comeram frutos amargos, os filhos têm feridas na boca.”
(Gregory Bateson)

Resumo

Aportes acerca dos nexos entre guerra, terrorismo e condição humana, como espetáculo sob o ocaso das premissas liberais; recortes de Literatura e Música sob a óptica de personagens com “coração sem medo”; passagens da filosofia nietzscheana sobre os lados execrados da condição humana.

Palavras-chave: Guerra, Terrorismo, Espetáculo, Literatura, Nietzsche.

Abstract

You arrive in port concerning the nexuses between war, terrorism and condition human being, as spectacle under to perhaps of the liberal premises; clippings of Literature and Music under the optics of personages with heart without fear, tickets of the nietzscheana philosophy on the to curse sides of the condition human being.

Keywords: War, Terrorism, Spectacle, literature, Nietzsche.

* Professor do Departamento de Filosofia da PUC-SP e Departamento de Fundamentos Sociais e Jurídicos da Administração da FGV-EAESP.
Departamento de Filosofia - PUC-SP, Rua Monte Alegre, 984 (prédio novo), 4º andar, sala 4E-19 Perdizes, São Paulo – SP CEP 05014-001.
E-mail: valverde@fgvsp.br

Guerra e terrorismo nos dias que correm são - antes de nada - espetáculo.

O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens. (...) O caráter fundamental tautológico do espetáculo decorre do simples fato que os seus meios são ao mesmo tempo a sua finalidade. O espetáculo é o sol que não tem poente, no império da passividade moderna. Recobre toda a superfície do mundo e banha-se indefinidamente na sua própria glória. (DEBORD, 1972, p. 12-16).

A Guerra do Golfo prenunciou o ensaio da generalização do espetáculo. Passado um ano dos atentados terroristas às Torres Gêmeas de Nova York, como num circo, o espetáculo não pode parar. A par do discurso do presidente americano, a televisão segue divulgando cenas inéditas dos atentados, colhidas por dois cinegrafistas franceses. – Imagens do último avião a chocar-se contra a segunda torre e tomadas do desespero dos bombeiros preparando-se para entrar em ação, em meio à fumaça e poeira. Como se o espetáculo em tempo real na transmissão dos fatos originais - de setembro de 2001 - não tivessem sido terríveis à medida. Ocorre que na guerra transformada em espetáculo, o que se derrama não é sangue cênico.

Para Porta (2001), por mais dificuldades que sugira a discussão sobre a “verdade” de um ponto de vista filosófico¹, desde o início da Era industrial, a “verdade das coisas em si”, como queria Feuerbach, tem migrado para a representação em imagens e, ultimamente, para o acúmulo de imagens. Ainda na Antigüidade, o estóico Marco Aurélio sugeria a “quebra da representação”, de modo que o conhecimento da “verdade em si” pudesse dar-se ao caso, vir à luz. Lembrava que se deve pensar sempre na hora extrema - hora da morte - para o caso, morte pagã. Nos dias que correm, como a redução dos modelos ideais da ciência à tecnologia encaminha-se - em larga escala - para a produção bélica, com armas letais de alcance para toda a humanidade e, no mesmo passo, para uma certa expectativa acerca do “fim do mundo” ou, ao menos, do “fim deste mundo”, dominado sutilmente pela mesma tecnologia produtora de falsas necessidades, que eternizam o controle social, desde a invasão do desejo de cada cidadão, até o

nada sutil controle de comportamentos, estilos de vida, padronização de idéias... etc. Donde o tema morte/destruição pendular entre o da guerra e o da condição humana.

Cedendo à má comparação, Bin Laden assemelha-se ao Marquês de Sade dos dias da Revolução Francesa. Se Sade radicalizou as premissas do Iluminismo, tomado como suporte da ideologia moderna, pelo viés da obliquidade moral, - o tema da personagem Julliete é o da apatia estóica frente o espetáculo do “trabalho sexual” -; Bin Laden com seu terrorismo high tech opera o desandar do neoliberalismo, a ideologia yuppie da pós-modernidade. Ora, segundo os libertários espanhóis: terrorismo é “pedagogia dos fatos”, que expõe mazelas e fragilidades da tecnoburocracia contemporânea. Ainda, se Sade estetizou a tortura, Bin Laden estetiza a exclusão social. O horror sentido frente às execuções sob a Revolução Francesa e o terror atual são sacrifícios do espírito humano. Sob a vaga de coincidências, Sade e Casanova foram contemporâneos. Certa vez, de passagem por Paris, Casanova ficou tão excitado frente ao espetáculo da execução na guilhotina, que copulou com a companheira de assistência, em público. Daí talvez a necessidade do rufar de tambores para encobrir os gritos subversivos dos condenados. Sem o som dos tambores, os inquisidores do Santo Ofício ordenaram que se costurasse, literalmente, os lábios de Giordano Bruno, de modo a evitar que - durante o trajeto da prisão à fogueira, em que foi queimado vivo - blasfemasse. Isto tudo é menos e mais que espetáculo, pois a guilhotina foi, a seu tempo, a filantropia da execução - a dor sem tortura.

Michel Foucault alertou para a abolição do espetáculo da humilhação e execração públicas, desde a de Danton. Na seqüência, o que deveria aparecer era tão somente o resultado da abjeção, de preferência sem a “cena” do espetáculo em si, a não ser uma comedida e higiênica notícia a respeito. Porém, com a televisão retomou-se a possibilidade de se mostrar “tudo”. Ocorre que com a queda das Torres Gêmeas, para além do espetáculo, a carnificina trouxe um cheiro insuportável, como simulacro e antecipação das pestes da Antigüidade, da Idade Média, da Primeira Guerra Mundial... A fetidez denunciando o espetáculo. A peste como metáfora do fim de um tempo. A fórmula é conhecida. Boccaccio utilizou a metáfora da peste em *Decameron*, ao anunciar o término da cultura

cristã-medieval e prenciar a moderna. Em nossos dias, Albert Camus - ao tematizar a peste - encontra-se de par com tal perspectiva.

Há uma curta distância entre gênio, louco e criminoso. Tanto Bin Laden nas cavernas, quanto Sade no hospício, são enquadráveis sob a tríade, de modo alternado, como sob o girar de um caleidoscópio. Porém, são expressões pontuais do mal-estar de tempos distintos.

A pós-modernidade, como uma Segunda Belle Époque, portanto uma farsa, viu a transformação dos trabalhadores em consumidores livres frente às mercadorias predeterminadas. Mas não somente isto. Por serem as mercadorias descartáveis e objetos de desejo, o pensamento pós-moderno propõe um certo *lego-mental*. A receita é a seguinte: toma-se os elementos culturais disponíveis, une-os de acordo com a vontade de cada um. A proposta, em síntese, é faça você mesmo sua ideologia. O que se dá ao acaso juntando cacos da moral, do direito, da religião, da política, da ciência, da filosofia, das artes... De preferência de acordo com o teto de rendimento de cada cidadão.

Talvez por isso, a responsabilidade se dilua em irresponsabilidade pessoal e social, o criminoso se declara inocente, o ladrão transfigura-se em injustiçado, o ateu prático se traslada em crente penitente, o traficante traveste-se em... Tais simulacros são postos em xeque pelo terrorismo, que instabiliza pela base o festim neoliberal - ao apagar das Luzes. Regressamos à antiga fórmula: em política também há leis físicas, em especial a da gravidade: sobressai-se, em geral, o que primeiro produz fatos e os divulga abertamente. Política, sob um enfoque imediatista, apresenta-se como a arte do controle social e de desnaturar palavras. Neste último round, o terror parece ter saído à frente. E o *“lego-mental”* finda incompleto dada dificuldade de encaixar a peça *“terrorismo”*, em cena desde os zelotes em guerra de guerrilhas contra os romanos.

Se o terror opera pela *“pedagogia dos fatos”* e como quer a poeta paulista Fontela (1996, p. 39), *“...fatos/ são pedras duras./ Não há com fugir. / Fatos são palavras/ ditas pelo mundo”*, a globalização, que é sinônimo de padronização cultural, econômica, política, não conseguiu - não tem conseguido - assimilá-lo e incorporá-lo. Eis a questão! Eis o desafio. Poderá assimilá-lo? Poderá eliminá-lo? Se nenhum futurólogo de plantão nos

socorre...

A pós-modernidade - como diluição estética e moral - é um dançar-agrilhado, sob uma estrutura social suicidária. Frente a esta, a pilhéria filosófica corrente sugere: menos prozac e mais Platão. Com a guerra atual entre EUA e terrorismo, - ao menos em sua superfície pretende-se tal denotação -, opera-se um retorno à mitologia, como fenômeno extra-agências de publicidade: ou seja, o enfrentamento entre o tribal e a superpotência. Enquanto o afegão acuado *“papava / papa”* terra, literalmente, buscando no solo duro, ao menos sais minerais - como faziam os escravos negros em passado recente no Brasil; por sua vez, os norte-americanos, 6% da população mundial, consomem aproximadamente 40% da produção global. Freud numa avaliação sumária, após sua passagem por aquelas plagas, no outono de 1908, comentou com Ernst Jones, seu discípulo e biógrafo: *“A América é um equívoco; um gigantesco equívoco, é bem verdade, mas ainda assim um equívoco.”* (JONES, 1975, p. 413).

A guerra atual é desigual, sem nenhuma heroicidade e alegria. Em 1465, Jean de Bueil escreveu:

A guerra é uma alegre empresa. Todos nós nos amamos tanto em tempos de guerra. Se vemos que a causa é justa e que nossos parentes lutam corajosamente, lágrimas nos acorrem aos olhos. Uma doce alegria nasce em nosso coração, no sentimento de nossa honesta lealdade recíproca e, vendo o amigo tão bravamente arriscar seu corpo ao perigo, a fim de manter e cumprir o mandamento de Deus, resolvemos ir à frente e morrer e viver com ele e nunca deixá-lo por causa de um amorzinho. Isto traz tal deleite que aquele que não sentiu isso tem medo da morte? É impossível! Ele se sente tão fortalecido, tão delicado, que nem mesmo sabe onde está. Realmente, ele nada teme no mundo! (ELIAS, 1994, p. 194).

Também Rabelais registrou a guerra com humor e alegria, ao tomar disputas entre sua família e vizinhos como modelo. A superioridade americana suplanta qualquer possibilidade de o Outro se apresentar em pé de igualdade. De antemão, o exército americano pensa poder destruir o inimigo em vista da sofisticação tecnológica revertida para armamentos e comunicação. Tudo cool, como

se pudesse ser...sem heróis, sem bravura, somente espetáculo.

Ao final dos anos oitenta, Francis Fukuyama, com falsas tintas hegelianas, antecipou, equivocadamente, o “fim da história” sob a hegemonia Reagan-americana; Samuel Huntington, pretendendo-se sombreado pelo historiador F. Braudel, em **O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial (The clash of civilizations and the remaking of world order)**, de 1996, corrige o antecessor e propõe um inventário atualizado da situação, vaticinando acerca dos futuros choques das civilizações e do destino das opositoras da Civilização Ocidental, entenda-se por isto civilização norte-americana e europeia. Ao abrigo do enquadramento “amigos e inimigos”, até a América Latina se encontra em linha antiocidental, região potencialmente contrária e adversária da Civilização Ocidental, sob liderança americana. Porém, a oposição mais ferrenha viria do “ressurgimento islâmico”. (VALVERDE, 1997, p. 312-320)²

Se o movimento acelerado prenuncia o fim (motus in fine velocior), o tempo de expectativa em que vivemos se deve, em grande parte, ao cumprimento das premissas do liberalismo, que sintética e hegemonicamente orientou a luta política nos últimos dois séculos. Tal cumprimento promove a abertura de uma temporada de caça a um novo padrão de liberdade, que não cancele as conquistas anteriores, mas que as incorpore e as projete em vista de um patamar superior, tomado como aquisição histórica, tanto quanto o individualismo e a propriedade privada. O cumprimento das premissas das liberdades econômica, política, religiosa e de expressão, em países pós-industriais avançados, baliza o encontro dos tempos presente e futuro. O exercício da liberdade econômica, no limite, implicaria liberdade de economia. No mesmo passo, a liberdade política corresponderia ao livrar-se da política, acerca da qual os cidadãos têm pouco ou, praticamente, nenhum controle. Por sua vez, a liberdade de expressão findaria pelo livrar-se das reduções e manipulações da opinião pública, exercidas pelas agências de publicidade, ao ditar comportamentos, idéias, estilos de vida - invasoras do universo do desejo. O resultado mecânico e mais geral do cumprimento dos axiomas do liberalismo é a euforia na infelicidade, em que falsas necessidades impostas arbitrariamente findam por perpetuar o estado letárgico da dominação, ápice do patinar no circuito produção/consumo

mo - um correr para lugar nenhum a consumir o vazio político. A perda do halo, a expectativa, o desarranjo, o olho do furacão, em que nos encontramos, retratam o descompasso entre o avanço tecnológico linear-ascendente e os restos supra-estruturais, síntese idealizada de estágio anterior à instrumentalização do saber científico, domínio e manipulação das forças da natureza e correspondente desenvolvimento de ordem tecnológica e material.

A propósito, em **Crepúsculo dos Ídolos**, Nietzsche vaticinou:

“As instituições liberais deixam de ser liberais tão logo são alcançadas: mais tarde, não há piores e mais radicais danificadores da liberdade, do que instituições liberais. Sabe-se, até, o que elas conseguem: minam a vontade de potência, são a nivelação de montanha e vale transformada em moral, tornam pequeno, covarde e guloso – com elas triunfa toda vez o animal de rebanho. Liberalismo: dito em alemão, animalização em rebanho...”(NIETZSCHE, 1978, p. 341).

Se o liberalismo cumpriu suas premissas nos países pós-industriais avançados, na periferia da ordem capitalista perdeu-se o bonde da história. De certa forma, o islamismo – a religião que mais cresce no mundo, caudatário do judaísmo e do cristianismo – tornou-se o último reduto da exclusão social do Terceiro Mundo. E os fundamentalismos conexos são referências neofascistas, próximas de fascismos sociais de recorrência religiosa. Sem perder de vista, que “o Islã, há mais de mil anos, nunca foi monolítico”.

Desde Tucídides, incorporando o espírito da tragédia grega, guerra é o tema por excelência. Sobre ele se debruçaram teóricos e “práticos” incisivos: o general chinês Sun Tzu, em **A arte da guerra**; César, com o clássico antigo **De bello gallico** – a propósito Montaigne (1980) escreveu: “Os comentários de César deveriam realmente constituir o breviário de todos os homens de guerra, pois ele próprio é o modelo soberano da arte militar.” Erasmo de Rotterdam e **Guerre et Paix**; (1973) Maquiavel, em **A arte da guerra** e; o clássico contemporâneo **Da Guerra**, de Carl Von Clausewitz. A tese da “a guerra como extensão da política”, rapidamente transformou-se em bordão de analistas do assunto desde o século XIX. – Fou-

cault a retomou, interpretou e inverteu a disposição dos termos na frase. Foucault (1984, p. 97)³

No universo do cinema, o tema foi banalizado à exaustão desde a 2.^a Guerra Mundial. Destaque para o filme **Catch 22**, em que a guerra é tomada como operação econômica, findando por enlouquecer os comandados dos escalões inferiores ao tomarem consciência dos reais fins bélicos. O filme **O terceiro homem**, dirigido por Carol Reed, com Orson Welles, retrata os bastidores da guerra, o mundo dos espíões, amizades singulares, sumiços exemplares, mais jogos de inteligência. A realidade da guerra vista do lado nazista em **A Cruz de Ferro**, de Sam Peckinpah, poeta da violência dos anos 70 e 80, que sem nenhuma poesia vê a guerra como um negócio de crianças que se negam a crescer. Em **Antes da Chuva**, de Milcho Manchevski, cuida-se dos conflitos étnico-religiosos entre macedônios ortodoxos e albaneses muçulmanos, na atualidade.

Rainer-Werner Fassbinder dirigiu **Deuses da Peste**, que trouxe à luz os bastidores das células terroristas do Baader-Meinhof, filme superior, porque duro, comparável ao realista, porém partidário, **Estado de Sítio**, de Costa-Gravas. Os dois, em nada comparáveis ao juvenil **O que isso, companheiro!**, de Bruno Barreto.

Da literatura contemporânea, destaque para dois romances de John dos Passos, que estetizam a amargura e o anti-heroísmo dos homens da guerra: **Iniciação de um Homem** (1919) e **Três Soldados** (1921). O seriado televisivo **Mash** que ironiza a participação de soldados americanos na Guerra da Coreia, inspira-se em parte nos romances de John dos Passos.

Sem esquecer toda literatura sobre a Guerra Civil Espanhola, riquíssima e em expansão. André Malraux, partícipe pelo lado anarquista, escreveu **A condição humana**. Hemingway, outro combatente, legou nos **Por quem os sinos dobram**, com filme homônimo.

Leon Tolstói, anarquista-cristão (que foi soldado, pois se alistou como junker, gentil-homem-voluntário num corpo da artilharia do Exército russo e combateu em Sebastopol, até a queda da fortaleza) escreveu o denso romance **Guerra e Paz**, a *Ilíada* moderna. Se a epopéia de Homero tematizava poeticamente a guerra de Tróia, principiada com a descrição da peste e resolvida pela vontade dos deuses - para o lado que os deuses tendiam, tendia a vitória - em Tolstói, ao contrário,

a guerra é decidida pela natureza. Napoleão e seus homens não resistiram ao frio de Moscou incendiada pelos russos e depois abandonada. O exército francês deixa a Rússia em fuga desastrosa e humilhante. Claro que a astúcia do gênio da guerra, o frio e calculista general Kutuzov, é fundamental. O exército russo só fez recuar Rússia adentro, ao invés de avançar e dar combate ao corso Napoleão.

Ocorre que o romance é muito mais que esta mera objetivação. Tolstói acerta contas com a Idade Moderna. O título original da obra era 1805, porém o epílogo se passa em 1820. As personagens em desfile são extremamente complexas, tipos humanos em processo de degradação. O próprio Kutuzov, um coração destemido, representa a alma do povo russo e a submissão ao destino. O príncipe André é de uma altura ética e bondade distantes impensáveis para a Rússia czarista do início do século XIX. - Impagáveis: romances e filmes!

Traçando-se um paralelo com a guerra franco-russa, nos dias que correm, pensou-se na possibilidade dos afegãos, mais propriamente os talebans - estudantes da sagrada doutrina islâmica - vencerem a guerra lançando mão do mesmo recurso dos russos (a natureza). A negativa se impôs.

Se for verdade que os corpos encontram-se em constante atrito, como queria Hobbes, a guerra será sempre inevitável, tanto pela natureza humana quanto pela condição humana. Ou por outra, como quer Nuno Nabais, o ato inaugural da civilização ocidental foi terrorista: cavalo de Tróia, presente de grego...

Contra todas as certezas, Nietzsche propõe *skepsis*⁴, palavra polissêmica, como mal-estar frente situações de conhecimento por demais precisas, por demais nauseantemente verdadeiras. Contra os homens médios e néscios, a ação e o espírito dilaceradores do aventureiro de coração duro, que sem estratégias, que desculpam covardias, deflagra o ataque, a liquidação, o ato fatal. A filosofia de Nietzsche apresenta-se completamente sem escaramuças, como sem escaramuças são seus aforismos.

A propósito, Nietzsche (1978) escreveu:

Filosofia, como até agora a entendi e vivi, é a

voluntária procura também dos lados execrados e infames da existência. Da longa experiência, que me deu uma tal andança através de gelo e deserto, aprendi a encarar de outro modo tudo o que se filosofou até agora: - a história escondida da filosofia, a psicologia de seus grandes nomes, veio à luz para mim. ‘Quanto de verdade suporta, quanto de verdade ousa um espírito?’— isso se tornou para mim o autêntico medidor de valor. O erro é uma covardia... cada conquista do conhecimento decorre do ânimo, da dureza contra si, do asseio para consigo... Uma filosofia experimental, tal como a vivo, antecipa experimentalmente até mesmo as possibilidades do niilismo radical; sem querer dizer com isso que ela se detenha em uma negação, no não, em uma vontade de não. Ela quer, em vez disso, atravessar até ao inverso - até a um dionisíaco dizer-sim ao mundo, tal como é, sem desconto, exceção e seleção -, quer o eterno curso circular: - as mesmas coisas, a mesma lógica e ilógica do encadeamento. Supremo estado que um filósofo pode alcançar: estar dionisiacamente diante da existência— minha fórmula para isso é amor fati. (p. 392-393).

Para o espírito trágico redivivo eis a fórmula nietscheana: amar o destino.

Ainda quase a propósito, Nietzsche escreveu: “... A falta de consideração do pensar é freqüentemente sinal de uma disposição interior discordante, que anseia aturdir-se.” Tal passagem evoca dois lídimos heróis do universo cultural alemão - tomado como laboratório político-cultural desde o século XIX - que fazem sombra e par ao frio general Kutuzov, de Tolstoi. Primeiro herói: Fausto, de Goethe. Numa fala de Fausto a Mefistófeles⁵, ele afirma:

Entendamo-nos bem. Não ponho eu mira na posse do que o mundo alcunha gozos. O que preciso e quero é atordoar-me. Quero a embriaguez de aflições. Estou curado das sedes do saber; de ora em diante às dores todas escancarro est’alma. As sensações da espécie humana em peso, quero-as eu dentro de mim; seus bens, seus males mais atrozes, mais íntimos, se entranhem aqui onde à vontade a mente minha os abraça, os tasteie; assim me torno eu próprio a humanidade; e se ela ao cabo perdida for, me perderei com ela. (1765-1775)

Estes versos parecem escritos, com algu-

ma largueza, para os propósitos da condição humana contemporânea.

Goethe modificou a fundo o teor das lendas que envolvem a figura do Doutor Fausto, famoso mago, astrólogo e quiromante dos inícios do século XVI que, segundo reza a tradição, foi carregado pelo diabo a quem cedera a alma em troca de poderes e prazeres terrenos. O Fausto de Goethe, ao contrário, é salvo pela graça divina e pela intervenção do amor transformado em símbolo místico do ‘eternamente feminino’. E é salvo porque — eis precisamente o sentido que o termo ‘faústico’ veio a ter — sendo representante extremo do homem, é um ser cuja essência é anseio, aspiração, eterno impulso de ir além de si mesmo.

O vasto poema dramático de Fausto simboliza a busca prometéica do homem, do seu desejo ardente de transcender seus limites físicos e espirituais, à procura de uma resposta aos eternos problemas da vida humana e do universo. E é, ao mesmo tempo, símbolo dos descaminhos e abismos aos quais se expõe aquele que segue esse anseio titânico. (ROSENFIELD, 1993, p. 225-226).

A condição humana na atualidade tem qualquer coisa, ou muita coisa de “faústica”. E talvez se encontre aí o substrato do modelo de “homem” engendrado por Nietzsche, com desproporções e vertigens ao topar com os vórtices do conhecimento e das paixões.

O segundo herói salta da música de Wagner. Quando o herói Siegfried está para executar o dragão Fafner, Mime dá-lhe conselhos - cuidado com isto e com aquilo, avança daquele lado, toma atenção a não sei que mais, ataca por aqui ou por ali. E o que faz o herói? Ouvidos moucos, pura e simplesmente avança de uma maneira natural, mata o dragão. Para fazê-lo Siegfried não precisou de estratégias, porque não sentia o medo. Por isso o aborrecem os discursos dos outros. Em sua música, Wagner deixa a situação revelar-se com toda a clareza. Como a morte do dragão é para Siegfried um ato tão evidente como o de respirar, ela não é acentuada por nenhuma explosão orquestral. O que seria o caso de imaginar, com que fanfarras e coros Verdi celebraria esse momento crucial. Os personagens verdianos são conspiradores e políticos, que têm necessidade de se enredar na estratégia, de acalantar longamente a coragem que não

possuem de pronto, de adormecer o medo, de se enleiar a eles próprios nas palavras dos outros. A estratégia é assim uma rede que usamos, não para combater com eficácia, mas para escondermos a nós mesmos o nosso medo imenso.

Siegfried é um coração sem medo, que não pode ser tomado por simplório, pois não se trata de uma questão de inteligência, mas de coragem. Um valor afirmativo da vida, que aliada à força dos signos nietzschianos, só pode vir de um homem bom e forte. (NIETZSCHE, 1978, p. 167).⁶

Após séculos de filosofia catedrática, Nietzsche se revoltou contra a mutilação do espírito de aventura desde a oficialização das doutrinas. A seu modo foi um aventureiro. Numa palavra, propôs exercitar o experimentalismo, pois “nós, humanos, somos experiências” — mas também quanto ao pensamento, à busca de ângulos novos, fronteiras inexploradas, renovando sem parar as técnicas de conhecer a si mesmo e os outros.

Isto para que a Filosofia não renunciase ao privilégio da permanente aventura, a troca da estabilidade que se obtém fechando os olhos ante a fuga vertiginosa das coisas. E “as coisas não são mais que as fronteiras do homem.” O tipo de pensador nietzschiano nunca vende a alma ao estável, ao impassível, porque deseja manter-se fiel ao desconhecido, enfrentando-o com a coragem da aventura.

Em outra passagem, que pode ser relacionada com o fato da filosofia produzida atualmente pretender aproximar-se dos procedimentos da ciência de talhe positivista, Nietzsche, com seu estilo às marteladas, escreveu: “Nós filósofos... não somos rãs pensantes, nem aparelhos de objetivação e máquinas registradoras com vísceras congeladas - temos constantemente de parir nossos pensamentos de nossa dor e maternalmente transmitir-lhes tudo o que temos em nós de sangue, coração, fogo, prazer, paixão, tormento, consciência, destino, fatalidade. Viver - assim se chama para nós, transmutar constantemente tudo o que nós somos em luz e chama; e também tudo o que nos atinge; não podemos fazer de outro modo”. (NIETZSCHE, 1978, p. 190-191.).

Se como quer o poeta Eliot, em Os homens ociosos, poema escrito em 1925, lido em parte no filme **Apocalypse Now**: “Nós somos os homens ociosos/ Os homens estofados/ Uns aos outros apoiados/ Crânio recheado de palha. Ai!/ Em mútuos

cochichos/ Nossas vozes secas/ Frouxas sem sentido/ São vento em capim seco/ Pés de rato pisando/ Vidro partido/ Em nossa adegas seca./ Figura sem forma, sombra sem cor,/ Força entorpecida, gesto sem expressão;” conforme Eliot (1980, p. 63). em contraponto aos antigos, - indianos, egípcios, gregos e romanos -, homens verdadeiros, com ossos, músculos, interioridades. Diluindo e projetando para outro patamar, Nietzsche profetizou: “No homem, criatura e criador estão unificados: no homem há matéria, fragmento, excedente, argila, lodo, insensatez, caos: mas no homem há também o criador, formador, dureza do martelo, divindade de espectador e sétimo dia...” descrito em aforismo 225 de Nietzsche (1978, p.286-287). Em **Para a Genealogia da Moral**, arrematou com a lenda do rei Vishvamiitra, “que através de milênios de automartírio, alcançou tal sentimento de poder e confiança em si que empreendeu a tarefa de construir um novo céu: o símbolo apavorante da mais antiga e mais nova experiência dos filósofos na terra - todo aquele que alguma vez construiu um ‘novo céu’, encontrou o poder para isso apenas no próprio inferno...” como nos abismos faústicos, imbuído da coragem de Siegfried. (NIETZSCHE, 1998, p. 105).

Parafraseando Guimarães Rosa: Alá é grande, mas o deserto é ainda maior!

Notas

- ¹ Em perspectiva, grosso modo: 1. da Antigüidade à Idade Média e início da Idade Moderna, a Filosofia interessou-se pelo “ser”; a realização de tal interesse se deu no campo da metafísica; 2. de Descartes a Kant, pela “verdade” através das disciplinas teoria do conhecimento e teoria transcendental, e; 3. de meados do século XIX em diante, pelo “sentido”, no universo da fenomenologia, da hermenêutica, da semiótica e da análise lógica da linguagem.
- ² A propósito, conferir a interpretação do Autor acerca do ocorrido recentemente no mundo muçulmano, sob o título de “Guerras de transição: Afeganistão e o Golfo. Parece esquecer que o Oriente é uma “invenção” do Ocidente, pela óptica de E. W. Said, perspectiva secundada desde a inversão dos termos por R. Garaudy, que findou convertido ao islamismo.
- ³ Conteúdo abordado na aula de 07 de janeiro de 1976, onde foi tratado a obra de FOUCAULT, Em defesa da sociedade. Nessa aula, FOUCAULT apresenta o tema da biopolítica e cuida de inverter a frase de Von Clausewitz. FOUCAULT em passant volta ao tema: “...porque é efetivamente um

dos traços fundamentais das sociedades ocidentais o fato de as correlações de força que, por muito tempo tinham encontrado sua principal forma de expressão na guerra, em todas as formas de guerra, terem-se investido, pouco a pouco, na ordem do poder político.”

⁴ Mesmo que em algumas passagens da obra o Autor utilize o termo para designar a desconfiança do moralmente fraco frente à verdade do homem forte e bom.

⁵ GOETHE – Fausto, Quadro V, Cena I.

⁶ A propósito, Nietzsche escreveu: “...a criação mais notável de Richard Wagner: a figura de Siegfried, aquele homem muito livre, que é porventura demasiado livre, demasiado duro, contente, sadio e anticatólico para o gosto de velhos e márcidos povos civilizados. Ele pode ter sido mesmo um pecado contra o romantismo, esse anti-romântico Siegfried...”.

Referências

ALI, Tariq. Em nome do choque de civilizações. **Cadernos Diplô**: Le monde diplomatique, São Paulo, n. 3, p. 8, Jan. 2002.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Francisco Alves; Afonso Monteiro. Lisboa: Afrodite, 1972.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. 2. ed. Tradução de Ruy Jugmann. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1994. v. 1.

ELIOT, T. S. Os homens ociosos. In: _____. **Poemas**: 1910 – 1930. Tradução de Idelma Ribeiro de Faria. São Paulo, SP: Hucitec, 1980. p. 63.

FONSECA, Marcio Alves da. **Michel Foucault e o direito**. São Paulo, SP: Max Limonad, 2002.

FONTELA, Orides. **Teia**. 2. ed. São Paulo, SP: Geração, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999.

_____. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. 5. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque ; J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1984.

JONES, Renest. **Vida e obra de Sigmund Freud**. 2. ed. Trad. Marco Aurelio de Moura Mattos. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1975.

MONTAIGNE, M. **Ensaaios**. Trad. Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1980. cap. 34. (Col. Os Pensadores).

NIETZSCHE, F. **A Gaia Ciência**. In: _____. **Obras Incompletas**. 2. ed. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1978. (Prefácio).

_____. **Genealogia da Moral**: uma polêmica. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Cia. Das letras, 1998.

_____. **Obras Incompletas**. 2. ed. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1978. (Crepúsculo dos Ídolos).

_____. Para além do bem e do mal. In: _____. **Obras completas**. 2. ed. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1978.

PORTA, Mario Ariel González. **La unidad de la filosofía contemporánea desde el punto de vista de la Historia de la filosofía**. São Paulo, SP: PUCPSP, 2001.

ROSENFELD, Anatol **História da Literatura e do Teatro Alemães**. São Paulo, SP: Perspectiva, 1993.

ROTTERDAN, Erasmo. **Guerre et Paix**. Tradução de Jean-Claude Margolin. Paris: Aubier-Montaigne, 1973.

VALVERDE, Antonio. Guerras de transição: Afeganistão e o Golfo. In: HUNTINGTON, Samuel P. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Tradução de M. H. C. Cortês. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 1997.

Recebido em / Recieved in: 20/03/2003
Aprovado em / Approved in: 30/04/2003